



VIA LÁCTEA

CAMILA ELIS



curadoria
AGNALDO FARIAS



VIA LÁCTEA

“Via Láctea” é a estreia solo da artista Camila Elis em São Paulo. A exposição foi concebida a partir da série homônima, que se inspira na mitologia que narra a formação da constelação. Com curadoria de Agnaldo Farias, a mostra reúne obras de grande escala, incluindo pinturas, desenhos e fotografias, todas elaboradas especialmente para este evento.

Sobre a inspiração na mitologia a artista diz “Hera, a soberana do Olimpo, foi traída por Zeus, seu parceiro e rei dos deuses. Na tentativa de conceder a Heracles, seu filho com Alcmena, os poderes divinos, Zeus coloca o semideus nos seios de Hera enquanto ela dorme. Ao despertar, Hera, já furiosa pela traição, encontra o bebê em seus braços e o expulsa de forma agressiva. Em um impulso, a deusa lança um jato de leite de seus seios com tanta força que Heracles é afastado. As gotas desse leite divino se espalham pela escuridão, dando origem à Via Láctea, a constelação que nos acolhe.

As obras que criei foram inspiradas nessa fantasia mitológica, onde o corpo feminino de Hera nutre a natureza com seu leite, gerando algo tão belo quanto uma constelação. Refleti sobre a forma exuberante com que esse tema foi abordado por artistas como Tintoretto e Rubens. Meu desejo é dar continuidade ao debate sobre esse jato de leite divino e suas repercussões.” Camila Elis. Inverno de 2025



Abertura: 4 de outubro de 2025

Visitação até 22 de novembro de 2025

Das 11h às 17h

Galeria Mamute | São Paulo

Brigadeiro Galvão, 990. Barra Funda

www.geriamamute.com.br

CAMILA ELIS E O CAMINHO DA LUZ

por Agnaldo Farias

A artista não demora mais que um dia para realizar uma pintura. Poderia, como a maioria dos pintores, demorar mais, muito mais, até porque lida com tinta a óleo, propícia a processos lentos, dos que envolvem apagamentos sucessivos, avaliações e arrependimentos de soluções encontradas, pois nem sempre se segue em linha reta e é comum que os achados mais evidentes sejam deixados de lado, assim que trazidos à luz. Em pintura, de resto como quase em tudo, avança-se faceando a escuridão. Em Camila o processo não inclui decisões tão radicais como a supressão de passagens, de motivos, o silenciamento: há as veladuras, tema de sua dissertação de mestrado na ECAUSP; a aplicação de camadas tênues, transparentes, cada uma modificando a camada anterior, afundando-a para extratos mais e mais subterrâneos, esbatendo-a, empalidecendo-a, tornando-a quase um rumor, ainda assim, visível. Uma estratégia cara a artista, que prefere a rapidez, optou, lutou por ela, ajustou seu trabalho ao mesmo prazo exíguo, como se a produção de uma tela viesse pronta e acabada como uma pedra aparada no ar ou, como ela escreve a propósito do trabalho artístico, como “uma luz a procura de uma superfície”. Aliás, a artista escreve e bem. A julgar pela qualidade de seu texto, sua passagem pela academia não a afetou, tampouco sua fina capacidade de efetuar as associações que impulsionam seu trabalho. São muitas e variadas. Como conta em seu texto de apresentação –**Argumento**– a essa mostra, um dos pontos de partida foi o encontro com o *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, uma edição antiga e nunca lida mas que durante anos ela, em virtude da sua capa azul clara, conservou no alto de uma cômoda porque caía bem em companhia de um conjunto de objetos, uma dessas coleções organizadas a partir de encontros fortuitos que, desconfiamos, devem significar alguma coisa embora não saibamos ao certo o que. Vencendo a inércia do azul claro que a mantinha na atmosfera, a artista, agora em sua casa nova, abriu o livro e finalmente começou a lê-lo, sendo arrebatada pelo primeiro parágrafo do capítulo quatro, a descrição da passagem de um dia, um único dia, do sol a pino à noite espessa e fria. Amante das coisas e das palavras, a artista saiu do texto e dirigiu-se à pintura. Empenhou-se em traduzir. Traduzir? Segundo o poeta Octavio Paz, coisas e palavras sangram pela mesma ferida. Sob esse ponto de vista seria a pintura a expressão desse sangramento? O fechamento do leque de um dia encontraria seu símile na pintura realizada numa única sessão?



O título dessa exposição, por sua vez, chega também da literatura, da mitologia grega, remonta ao nascimento da Via Láctea, ao momento em que o poderoso e imprudente Zeus, desejoso de ampliar os poderes de seu filho Hercules, nascido de sua relação com a mortal Alcmena, levou-o ao seio de sua esposa adormecida, Hera, deusa do casamento e ciumenta das sucessivas escapadas de seu marido, para que ela amamentasse o bastardo garantindo assim sua imortalidade. A gula do bebê levou-o a morder o bico do seio da deusa que acordou e, surpreendida e furiosa, repeliu-o, esguichando o leite pelo céu, formando o “caminho do leite” ou a galáxia. Representando a cena, Pedro Paulo Rubens, o grande mestre do barroco flamengo, a exemplo do que havia feito Tintoretto décadas antes, não dá a deusa mostras da repulsa que ela, vingativa, devotaria ao herói por toda a vida dele. Concentra-se na brancura de seu corpo sob o fundo escuro do céu, fonte dos finos jorros de leite, as gotículas que comporiam a trilha luminosa de estrelas onde o sistema solar está abrigado.

Nix (2025, óleo sobre tela, 136 x 100 cm), contrasta com a claridade das outras pinturas trazidas para a exposição. Coerente com seu título, Nix, juntamente com Érebro, compreende as trevas profundas; deusa da noite, austera, temida até mesmo por Zeus, e, segundo Hesíodo em sua *Teogonia*, nascida do Caos, o desbordado vazio que precedeu a criação do universo, também dela nasceu a luz radiante, Éter e Hemera. A tela encarna a escuridão onde aflora a luz, uma síntese entre a fulguração do leite, alimento primordial espargido por Hera fendendo a escuridão espessa. Não obstante sua admirável cultura pictórica, seu interesse particular pelo gênero Natureza Morta voltado a captura do instante, ao coágulo do tempo, as pinturas de Camila Elis não se encaminham rumo à figuração, na representação mais ou menos fiel das coisas, detendo-se antes, na linguagem em estado larvar, ainda sem a estabilidade dos vocábulos e significados correspondentes. E estrutura vertical de *Nix* é reiterada por feixes brancos semicirculares como que empilhados, a maneira de uma flor dotada de pétalas esguias, estiradas, situados à esquerda da tela, enquanto do lado direito despontam pinceladas azuis claras mais curtas. As duas cores são secundadas por vermelhos crepitantes, variações de marrons, uma mancha azul profunda e brilhante, cores que perturbam o fundo escuro, tumultuam-no.

“O vento que me acha o cabelo”

Fernando Pessoa, in Tabacaria

Cores vencendo a escuridão ou habitando-a, não importa, é um tema caro aos pintores, razão suficiente para a artista insistir nesse caminho. Não bastassem os títulos, *Éter, Éter e a luz, Um brilho esbranquiçado e sedoso, Waiting for the stars aligne*, todas telas recentes, realizadas neste ano, com formato próximos a 150 x 150 cm, versam sobre a luz, a transparência, a presença de forças sutis, discretas, como a passagem do vento desalinhando os cabelos, fazendo dançar as cortinas, os raios de sol filtrados pelas copas das árvores ou momentaneamente interrompidos pelo trânsito lento das nuvens se interpondo entre eles e o chão.

As pinturas que compõem essa exposição demonstram o talento da artista em expandir a luz em nuances delicadas, gradações do branco em direção ao creme e dele ao marrom, diferenças tonais que mesmo quando contrastantes, possuem qualidade difusa que lhes garante uma aura de indeterminação, como se flutuassem ou em queda suave. São pinturas protagonizadas por gestos espichados, longos e sensuais, como que abandonados aos livres impulsos do corpo, da mão que empunha o pincel. A flexibilidade dos gestos atinge uma nova versão nos desenhos reunidos sob o título de *Memento mori*, a expressão latina realçada pelo gênero da Natureza morta e que significa “lembre-se da morte”. A tentativa de captura do viço das plantas a partir de gestos intensos e mais curtos confinam com a antecipação de suas mortes; sob fundo escuro ou claro os gestos vão conduzindo o grafite para soluções onde os limites das folhas se desfibram, tornando-as fulgurações límpidas e efêmeras. De onde vêm as luzes, para onde vão quando submergem nas sombras?



Agnaldo Farias

Setembro, 2025



VIA LÁCTEA

CAMILA ELIS

curadoria
AGNALDO FARIAS





Éter (2), 2025

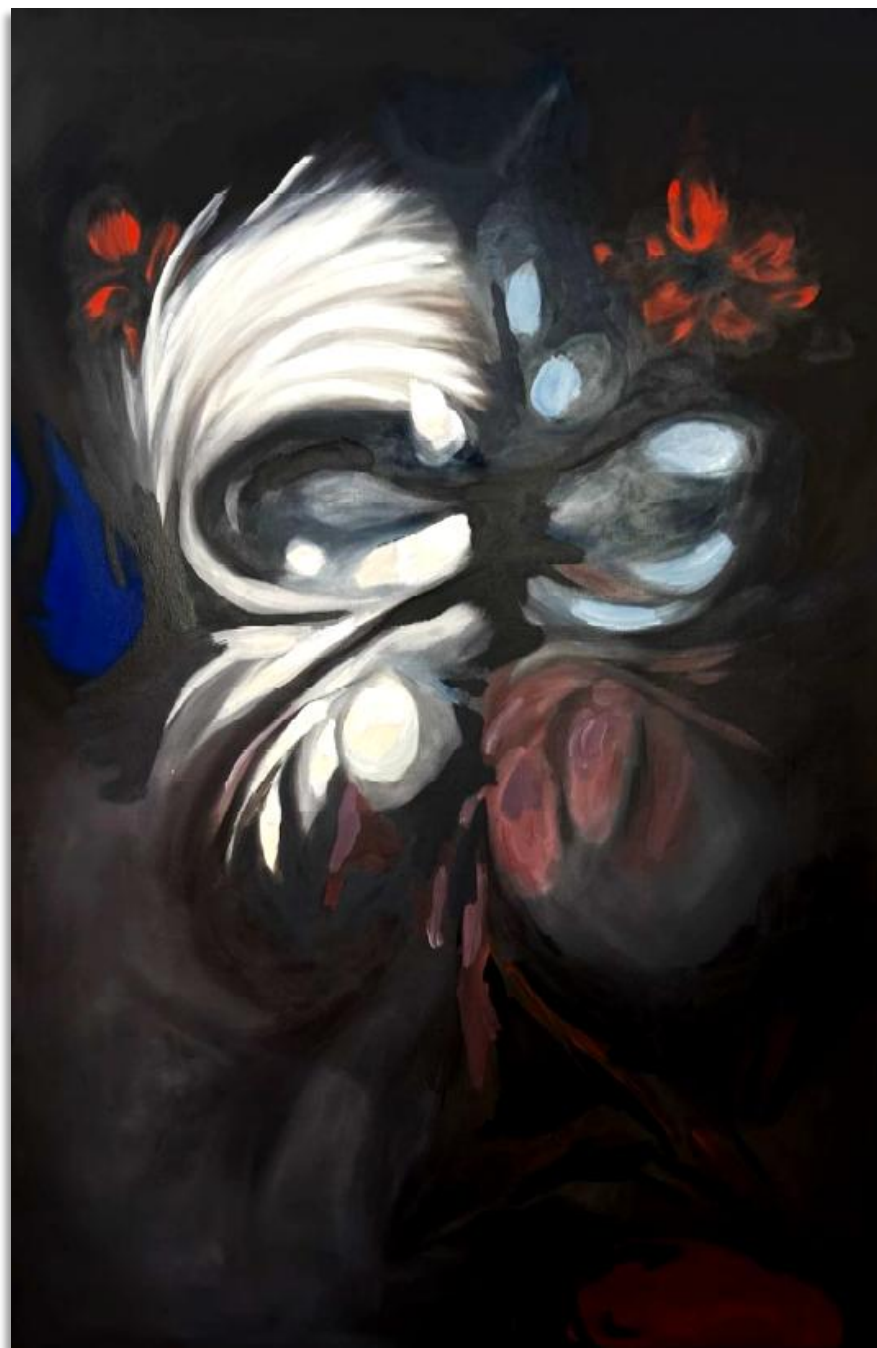
Pintura a óleo sobre tela
150 x 150 cm





Um brilho esbranquiçado e sedoso, 2025

Pintura a óleo sobre linho
150 x 150 cm



Nix, 2025

Pintura a óleo sobre tela
136 x 100 cm



Éter, 2025

Pintura a óleo sobre tela
160 x 150 cm





Waiting for the stars to align, 2025

Pintura a óleo sobre tela de linho
150 x 164 cm





Memento Mori, 2025

Desenho em Grafite sobre papel
50 x 40 cm



Sol, 2025

Pintura a óleo sobre tela
175 x 160 cm



Sol, 2025

Pintura a óleo sobre tela
175 x 160 cm





Éter e a luz, 2025

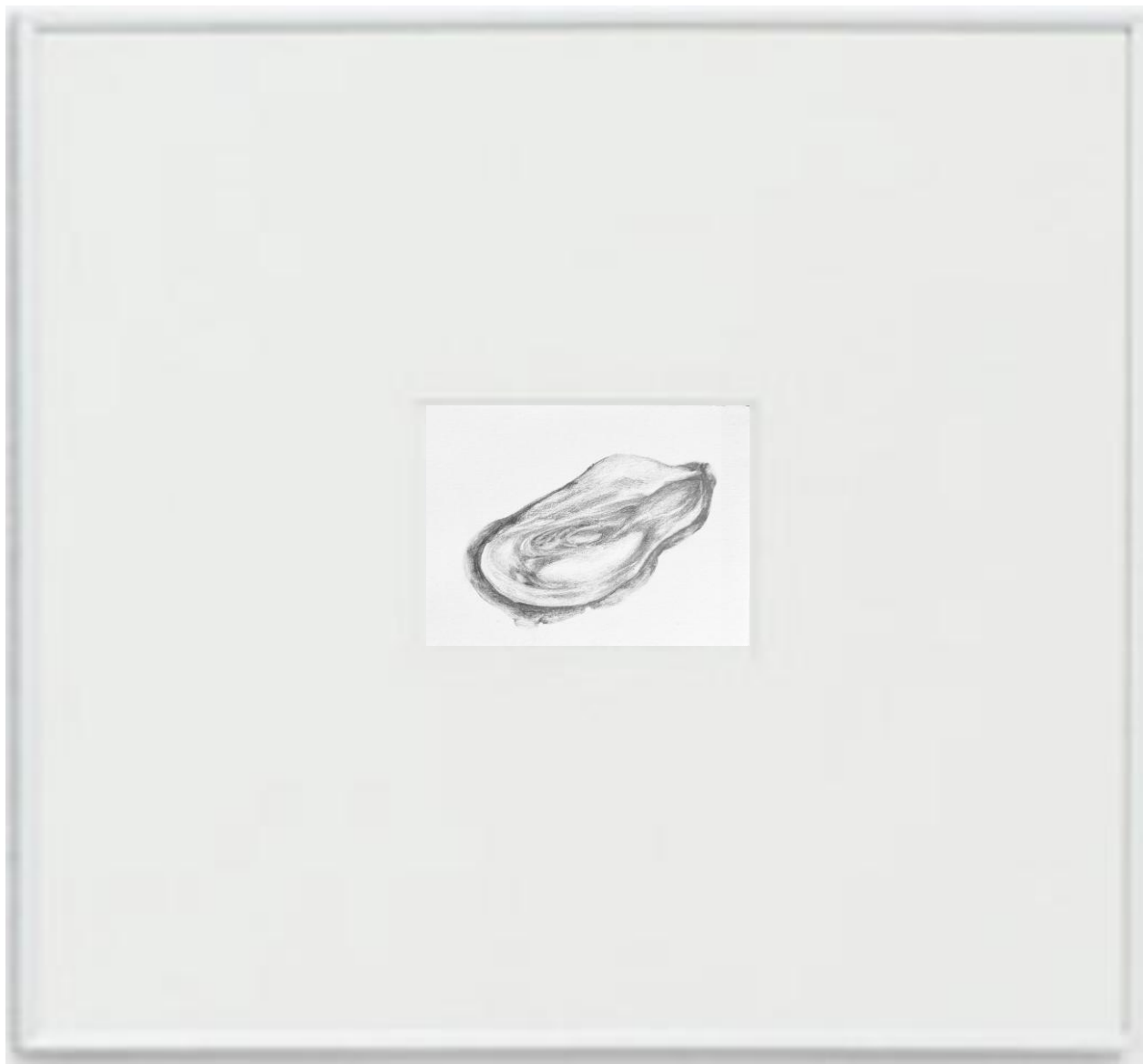
Pintura a óleo sobre tela
150 x 150 cm



Memento Mori, 2025

Desenho em grafite sobre papel
50 x 40 cm





Memento Mori, 2025

Grafite sobre papel
40 x 50 cm



Pena de pavão, 2025

Fotografia
50 x 40 cm



Peso, 2025

Fotografia
50 x 40 cm



O Infinito, 2025

Fotografia
40 x 50 cm





VIA LÁCTEA
CAMILA ELIS

curadoria
AGNALDO FARIAS





Vagas preguiçosas, 2025

Pintura a óleo sobre tela
80 x 80 cm

CAMILA ELIS

Natural de Dois Irmãos/RS, 1995, Elis é mestre em Artes Visuais pela ECA/USP (2022). Bacharel em Artes Visuais pela UFRGS (2018). Estudou pintura na University of the Arts London. (2017)

Entre suas individuais estão: (2025) “Via Láctea”, curadoria de Agnaldo Farias, na Galeria Mamute, São Paulo/SP. (2023) Exposição resultado da residência artística na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, com a pesquisa “Romance e Drama Baby”. (2022) “Fulgor na noite”, curadoria de Mario Gioia, Galeria Mamute, Porto Alegre. (2019) “Da Alma e as coisas suspensas”, curadoria de Bruna Fetter, Galeria Mamute, Porto Alegre/RS. Atualmente reside e mantém atelier em Porto Alegre e tem suas obras integradas a importantes coleções institucionais e privadas.

Camila coleta e registra suas experiências em desenhos, fotografias, vídeos e diversas outras mídias, incluindo sonhos, música e literatura. Por meio de grafismos abstratos elaborados com cuidado, ela documenta expressões e movimentos de memória e vida. Em suas pinturas e no espaço expositivo, cria associações entre esses registros, estabelecendo sistemas em que signos sensíveis – como linhas leves, cores equilibradas e formas fluidas – atuam como fluxos, ventos ou brumas do desejo.

É artista representada pela Galeria de Arte Mamute



GALERIA DE ARTE MAMUTE

PORTO ALEGRE | FLORIANÓPOLIS | SÃO PAULO

Fundada em 2012 por Niura Borges, a Galeria de Arte Mamute desempenha um papel importante no desenvolvimento e na promoção da arte contemporânea brasileira.

Com um acervo diversificado, a galeria representa artistas consagrados e também dá espaço a novos talentos que estão em ascensão no cenário artístico. Suas obras abrangem uma ampla gama de técnicas, incluindo pintura, desenho, gravura, escultura, fotografia, instalação e novas mídias.

Os artistas representados pela Mamute estão inseridos em importantes coleções nacionais e internacionais, como o Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC/USP), a Pinacoteca de São Paulo, o Museu de Arte do Rio, o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e a Fundação Vera Chaves Barcellos. Além disso, muitos deles participam de eventos de prestígio, como a Bienal de Veneza, a Bienal de São Paulo e a Bienal do Mercosul.

A galeria também promove iniciativas teóricas e práticas, como debates com artistas, pesquisadores e curadores, bem como atividades educacionais, incluindo palestras, cursos e residências artísticas. Essas ações visam fomentar o conhecimento e a reflexão sobre a arte contemporânea, contribuindo para um ambiente de aprendizado e troca de ideias.

Reconhecida por sua atuação no campo das artes, a Galeria Mamute já recebeu diversos prêmios, como o de melhor espaço institucional e melhor exposição, além de reconhecimentos nas mídias tecnológicas, no prestigiado Prêmio Açorianos de Artes Plásticas e prêmios da Funarte de Artes Visuais.

Com presença em Porto Alegre, Florianópolis e São Paulo, a galeria participa regularmente de feiras de arte de destaque, tanto nacionais quanto internacionais, como SP-Arte, ArtRio, SP-Arte Foto, Feira Parte (SP), Feira Pinta (Miami), BAPhoto (Buenos Aires), Latitude Art Fair (Nova York) e Not Cancelled (Viena).

A Mamute se distingue não apenas como um espaço expositivo, mas também como uma plataforma de atendimento personalizado, acompanhando colecionadores e clientes em todo o processo de aquisição de obras de arte, desde a seleção até a entrega, garantindo uma experiência enriquecedora e satisfatória.



**SÃO PAULO**

Rua Brigadeiro Galvão, 990
Barra Funda. 01151000

(11) 91907-4554
mamutegaleria@gmail.com

FLORIANÓPOLIS

Corporate Park – Rod. SC 401, 8.600
(Bloco 4 SL 01) 88050-000

(48) 988407039
mamutegaleria@gmail.com

PORTO ALEGRE

Rua Caldas Júnior, 375
Centro Histórico.

(51) 999168818
contato@galeriamamute.com.br

www.galeriamamute.com.br

